



A FESTA DO PAU DA BANDEIRA DE SANTO ANTÔNIO DE BARBALHA- CEARÁ: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS QUE CONTAM E FAZEM HISTÓRIA

Georgia Rolim da Silva

Programa Pós-Graduação em História PPGH

rolimgeorgia08@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de compreender o processo histórico das manifestações culturais que acontecem tradicionalmente na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha-Ceará, dando ênfase ao domingo referente a festa e os Reisados. A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio iniciou em 1928 com o carregamento do pau da bandeira pelas ruas de Barbalha até a Igreja da Matriz de Santo Antônio onde o mastro é hasteado, permanecendo ali até o ano seguinte, perto do dia da festa, esse mastro é retirado e dá lugar ao outro mastro que será ali novamente hasteado. A festa vai sendo construída na proximidade entre os novos elementos que passam a incorporar a lógica e configuração da manifestação como um grande evento cultural e turístico da cidade de Barbalha, capaz de dar visibilidade ao município, atraindo milhares de pessoas que se deslocam em busca do movimento, das atrações musicais e, sem dúvida alguma, da irreverência das narrativas que garantem o poder milagroso do “pau de Santo Antônio”- capaz de levar ao altar a moça que lhe toque com muita fé ou que venha a bebê-lo em chá, assim como o interesse refere-se às manifestações ritualizadas de fé, sobretudo quando se trata de uma experiência que não se pode vislumbrar em quaisquer paragens; a tradição, portanto, torna-se um atrativo a parte. No domingo de festa acontece o desfile dos folguedos, reisados de congo, couro e baile, dentre outros grupos folclóricos. Com o passar do tempo, foi incorporando à festa aspectos sociais, desfile de folguedos, trazendo um tom mais cultural, através das manifestações que acontecem no dia do cortejo pela manhã, ao lado da Igreja Matriz, percorrendo as principais ruas da cidade. Assim, pode-se ver que a

cultura é uma manifestação viva e dinâmica, passando continuamente por transformações, dentro de um processo de ressignificação.

Palavras-Chave: Festa, Manifestação Cultural, Grupos Folclóricos.

ABSTRACT

This article aims to understand the historical process of cultural manifestations that traditionally take place at the Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio in Barbalha-Ceará, placing emphasis on the Sunday regarding the festival and the Reisados. The Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio began in 1928 with the carrying of the flag stick through the streets of Barbalha to the Igreja da Matriz de Santo Antônio where the flagpole was hoisted, remaining there until the following year, close to the day of the festival, this mast is removed and makes way for the other mast that will be hoisted there again. The party is being built in proximity between the new elements that start to incorporate the logic and configuration of the demonstration as a major cultural and tourist event in the city of Barbalha, capable of giving visibility to the municipality, attracting thousands of people who travel in search of the movement, musical attractions and, without a doubt, the irreverence of the narratives that guarantee the miraculous power of the “St. Anthony's stick” - capable of taking to the altar the girl who touches it with great faith or who drinks it in tea , just as the interest refers to ritualized manifestations of faith, especially when it is an experience that cannot be glimpsed anywhere; tradition, therefore, becomes an attraction in itself. On the Sunday of the festival, there is a parade of festivities, congo reisados, leather and dance, among other folk groups. Over time, social aspects were incorporated into the party, a parade of festivities, bringing a more cultural tone, through the demonstrations that take place on the day of the parade in the morning, next to the Main Church, traveling through the main streets of the city. Thus, it can be seen that culture is a living and dynamic manifestation, continually undergoing transformations, within a process of ressignification.

Keywords: Party, Cultural Event, Folklore Groups.

A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha-Ceará

O objetivo deste artigo é compreender o processo histórico das manifestações culturais que acontecem tradicionalmente na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha-Ceará, dando ênfase ao domingo referente a festa e os Reisados.

A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha Ceará, ocorre anualmente, entre o último domingo de maio ou primeiro domingo de junho. A festa de Santo Antônio consiste em uma celebração da religiosidade popular do Cariri cearense, atraindo pessoas de vários lugares do Brasil e até mesmo de fora dele.

O Cortejo do Pau da Bandeira consiste no transporte de um mastro grande desde o sítio de São Joaquim até a Praça da Igreja Matriz, onde é hasteada a bandeira de Santo Antônio. Há 4 anos este mastro é transportado do Sítio Flores, distante cerca de 10 km da

sede municipal, 5 km da cidade de Barbalha. Não se sabe exatamente quando ocorreu o primeiro cortejo carregando o mastro da padroeira. Existem duas versões da tradição oral local. A primeira refere-se ao início do porte de mastros no último quartel do século XIX. A segunda define este momento de 1928 como o primeiro ano da paróquia do Padre José Correa Lima (Souza, 2011).

O corte da árvore que se tornará o mastro a ser carregado e hasteado, no decurso da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha, ocorre aproximadamente 15 dias antes do início oficial da celebração. Entre dez e quinze homens adentram à mata, do sítio Flores ou São Joaquim localizado no “sopé da serra do Araripe” a fim de escolher qual a árvore que deverá sofrer o corte, tornando-se, então, o “pau de Santo Antônio” (Iphan, 2015).

Océlio Teixeira (2011) observa que o início da festa a partir do Corte – portanto, alguns dias antes do cortejo – teria principiado nos idos da década de 40. Também menciona o referido historiador que a prática de empreender o corte em um dia e o carregamento em outro reporta à década de 70, com o “processo de folclorização” da festa (Iphan, 2015, p. 74).

Os festejos do domingo do pau da bandeira, como ficou conhecido o dia de abertura oficial da festa de Santo Antônio, começam por volta das sete horas da manhã, quando os grupos artísticos do folclore e da cultura popular local se concentram e se organizam na Praça da Matriz para o cortejo. Moradores, turistas, pesquisadores, chegam cedo à Igreja Matriz de Santo Antônio para assegurar um lugar na celebração religiosa, que costuma ter um grande número de pessoas. A igreja recebe ornamentação especial para a comemoração da trezena de Santo Antônio, e a missa é diferenciada das demais, é mais longa, o ofertório recebe alimentos representando a produção agrícola da cidade, há a benção dos carregadores que logo seguem para a “cama do pau” com a finalidade de iniciar o carregamento (Santos, 2015, p. 72).

Ao término da celebração, na rua ao lado da Igreja os grupos folclóricos já estão ensaiando, e se organizando na sequência em que seguirão no desfile. Nos últimos anos, as escolas têm apresentado projeto que tem por objetivo incentivar a participação das crianças e dos jovens no intuito de preservar e resgatar as manifestações dos grupos culturais locais. Como um esforço pela “renovação da tradição” através da juventude, com novas formas de fazer com mudanças em algumas práticas, na vestimenta, experimentam-se novas formas de participação numa tentativa de dar “continuidade” à “tradição” (Santos, 2015, p. 72).

As apresentações seguem em cortejo num percurso que se estende da Igreja da Matriz, percorrendo toda a Rua do Vidéo, 35 até o Largo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Em anos anteriores este percurso se estendia da Igreja da Matriz ao Parque da Cidade, onde aconteciam as apresentações dos grupos e shows com bandas locais. Sobre o cortejo, num misto de suas memórias entre o que se via e o que hoje é a festa, Silva (2013, p. 222), diz:

O sentido profundo das danças, cantos e rituais de fé, para a vida do homem do campo, pode ser contemplado no desfile dos grupos folclóricos da Igreja para a praça. A praça acolhe a manifestação popular, regada de fé e alegria, tornando-se pequena para tanta gente. O povo rodeando o palco, armado no meio da praça, assiste à evolução dos brincantes. O povo se via e se identificava nas manifestações que expressavam suas raízes culturais. Enquanto ocorriam as apresentações, o povo ocupava toda a extensão da praça e suas adjacências, sentado nas barracas, passeando na praça [...], o clima festivo em sintonia com a fé no santo padroeiro, preparava e reforçava a expectativa de todos, para em algumas horas, no período da tarde ver a chegada do pau da bandeira.

Segundo Santos (2015), ao meio-dia, as ruas ficavam lotadas, principalmente de turistas, concentrados no corredor cultural do centro da cidade. Em diferentes pontos de referência, o palco ficava montado para atuações de bandas locais, regionais e até nacionais. Um se localiza no Largo do Rosário, outro na Praça Engenheiro Dória, mais um no Marco Zero, e finalmente, na Praça da Matriz.

A Festa de Santo Antônio tem duração média de quinze dias, nesse período acontecem as quermesses ao lado da Igreja Matriz, nas quais várias atividades lúdicas e recreativas ocorrem com a finalidade de arrecadar fundos para a Igreja. Bingos, rifas, shows religiosos e outros compõem a pauta de eventos organizados pela paróquia, além do parque de diversão e as barraquinhas de comidas típicas. Enquanto isso, no Parque da Cidade realizam-se os shows da parte social da festa (Santos, 2015).

A valorização e investimento do poder público na festa desde os anos de 1970 até hoje acarretou a presença crescente de turistas de várias partes do Brasil. Porém a população local, afirma ter havido uma inegável desvalorização da organização e administração da festa. No discurso dos “nativos” figura a comparação entre o que era a festa de outrora e a do presente. Contabilizam o que se perdeu, o que não existe mais, o que poderia voltar a ser de novo. Frases do tipo são recorrentes: “A festa já prestou, já foi boa; hoje só vale a pena mesmo o domingo do pau da bandeira, porque o resto, presta mais não”. Segundo eles, uma prova disso, é o fato de que o fluxo de turistas não é mais o mesmo. “Ninguém gosta de festa ruim, o povo gosta de se divertir, dançar, se não tem banda grande – nacionalmente conhecidas – não tem o que se fazer aqui”. Como já mencionei anteriormente, na opinião deles, a culpa deve-se ao poder público que foi

investindo cada vez menos na festa. Em consequência diminuiu o turismo, o que arrefeceu o comércio, que por sua vez influenciou outros setores, e assim se criou a repetição de um ciclo (Santos, 2015).

O passar das horas aumenta a expectativa da chegada do pau, já sinalizada pela presença de alguns carregadores no Centro da cidade e pela queima de fogos que acompanha o percurso, para se consumir o ritual do carregamento e levantamento do Mastro de Santo Antônio (Santos, 2015).

A Benção da Bandeira e o Desfile dos Folguedos

As manifestações culturais não são importantes porque são tradicionais. Mas tornam-se tradicionais porque tiveram ou têm significado (importância) na vida das pessoas e suas comunidades (Araújo, 2013).

As práticas culturais descritas neste tópico foram introduzidas ao longo dos últimos 40 anos na Festa de Santo Antônio. Apesar de recentes, frente à temporalidade do carregamento e hasteamento do Pau da Bandeira, e das novenas, quermesses e missas em homenagem ao santo de Pádua na cidade de Barbalha, são ações e eventos que já integram o imaginário coletivo como aspectos que a caracterizam e que dela não podem ser desassociados. O que articula tais práticas é o espaço e o tempo no qual ocorrem, seus protagonistas e o significado que possuem para a festa como um todo. Hodiernamente, marcam o início oficial da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, na manhã do último domingo de maio ou do primeiro domingo de junho, na Igreja Matriz de Santo Antônio e em seu entorno (Iphan, 2015).

No Dossiê de registro (Iphan, 2015) há o relato da ocorrência da festa. Na manhã do dia de abertura da festa, desde às primeiras horas, reúnem-se no adro da igreja matriz, antes mesmo do templo religioso abrir suas portas, centenas de pessoas. A multidão é constituída basicamente por dois grupos: os grupos folclóricos ou de folguedos e os seus espectadores. Dentre os folguedos há zabumbas (ou bandas cabaçais), reisados (de congo, de couro e de baile), capoeiristas, lapinhas, maneiro pau, as danças do milho, do pau-defitas, da maresia, de São Gonçalo e do capim da lagoa, quadrilhas, cocos, além de bacamarteiros, vaqueiros, penitentes e incelências. Dentre os espectadores é impressionante o número de fotógrafos que registram as performances dos grupos folclóricos, pesquisadores e jornalistas, que em meio às apresentações, tentam colher depoimentos dos mestres da cultura popular. É uma missão praticamente impossível um

fotógrafo registrar alguma imagem sem que outros fotógrafos não estejam no plano. Há também turistas, em menor número, e moradores do núcleo urbano de Barbalha e dos sítios localizados em sua zona rural. Os últimos normalmente estão acompanhando os familiares que se apresentam durante o desfile. Todos os iniciados na “cultura popular” do Ceará ratificam que a manhã da abertura da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio constitui-se num verdadeiro catálogo das formas de expressão tradicionais do Cariri cearense. E para quem não conhece a “tradicional cultura popular” do Nordeste, a visita à Barbalha no dia da abertura da festa seria uma excelente forma de conhecer. Pelo menos é esta a mensagem que os cartazes de divulgação da festa e as matérias na imprensa escrita e televisiva propagam. Em matéria no Caderno Regional do periódico Diário do Nordeste, de 31 de maio de 2003, o desfile dos grupos de folguedos é descrito como “uma explosão de cultura popular”, e no cartaz da festa do ano de 2004 o tema foi “Fé, tradição e cultura”, estando a fachada da Igreja Matriz emoldurada por uma fotografia do carregamento do pau da bandeira e imagens de três bonecos gigantes, ao estilo do carnaval pernambucano, representando brincantes de reisado, quadrilha e banda cabaçal; tema novamente reafirmado no cartaz de 2003. Em 2005, o tema foi “Cultura, religiosidade e alegria”.

O “resgate” do folclore barbalhense e a sua introdução formal na Festa de Santo Antônio também não podem ser desassociados da expansão do movimento intelectual folclorista ao interior do Ceará, especificamente ao Cariri, e a construção discursiva que se operou a partir de então dessa região como “celeiro da cultura popular” ou “caldeirão da cultura popular”, no estado do Ceará e no Nordeste brasileiro. Tal movimento ganhou publicidade através dos periódicos *Itaytera*, *Região*, *HYHYTÉ* e *A Ação* e institucionalizou-se no Instituto Cultural do Cariri (ICC). Entre os integrantes do movimento destacam-se J. de Figueiredo Filho, Irineu Pinheiro e Pe. Antônio Gomes de Araújo. Eles percebiam e construíam a região do Cariri, e principalmente, a cidade do Crato, como diferenciada culturalmente e como repositório de expressões culturais que caracterizariam a autenticidade do ser brasileiro e nordestino aos moldes do ideário modernista. É oportuno, então, trazer um fragmento da obra *O Folclore do Cariri*, publicada em 1962, por J.de Figueiredo Filho:

Mesmo com o progresso que começou a penetrar no Cariri, e após longo período de menosprezo pelas elites, por tudo quanto era genuinamente nosso, o folclore deste pedaço importante da terra cearense continua bem vivo, sendo até mesmo dos mais característicos do Nordeste brasileiro. Pelo milagre da pertinácia do caboclo dos pés-de-serra, brejos e bairros citadinos, conservaram-se, mais ou menos puras, muitas das tradições que o tempo não conseguiu destruir (Iphan, 2015, p. 104-105).

Tais ideias deviam estar bem presentes no imaginário e nos discursos dos gestores de Barbalha quando buscaram na zona rural do município o “folclore” que lhe seria característico. Esse processo poderia ter caminhado rumo ao estabelecimento de um núcleo de pesquisas, como ocorreu no vizinho Crato, destinado a institucionalizar o Folclore, com letra maiúscula, enquanto um campo do conhecimento. Contudo, o ideário folclorista caminhou em outra perspectiva em Barbalha, mais próxima à percepção do folclore enquanto produto cultural.

Desde então, os discursos sobre a identidade da cidade passam necessariamente pela riqueza do seu folclore. Barbalha seria a cidade cearense que melhor articularia “fé, tradição e cultura”, tendo como pano de fundo da gênese desse discurso identitário a Ditadura Militar no país, que, segundo Lúcia Lippi Oliveira, se apropriou da herança modernista do “nacional-popular, com a sua preocupação com as manifestações culturais das classes populares”, permitindo a sua absorção pelo mercado. É importante para a compreensão desse discurso identitário barbalhense esclarecer os locais de fala do ex-prefeito Fabriano Sampaio e das suas colaboradoras Celene Queiroz e Benivalda. O primeiro era oficial reformado do Exército Brasileiro, e as últimas compunham a comissão municipal do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), programa criado pelo governo militar em 1967, destinado à educação de jovens e adultos.

Chamou-nos atenção o fato de que exatamente em 1973 foi lançado o Programa MOBRAL Cultural como uma ação pedagógica complementar ao programa principal. Destinava-se a “concorrer de maneira informal e dinâmica para difundir a cultura do povo brasileiro e para a ampliação do universo cultural do mobralense e da comunidade a que ele pertence”. O MOBRAL foi uma experiência que acabou rompendo com as ideias de uma educação libertária, amplamente discutidos e difundidos por Paulo Freire e pela Igreja Católica no momento anterior ao golpe militar, e que articulavam cultura popular e educação popular. O programa educativo do governo militar buscava a homogeneidade da identidade nacional, minimizando os conflitos por meio de uma ação paternalista. Aspecto sintetizado na fala do Ministro da Educação e Cultura, Ney Braga, em palestra para a turma da Escola Superior de Guerra, em 1975: “Respeitar a índole do povo brasileiro; colaborar com a cultura nacional, apoiá-la e incentivá-la; e preservar as características regionais em busca do sincretismo nacional”. E em sua associação à cultura popular, era preciso resgatar o folclore, fomentá-lo e protegê-lo, do contrário, sem a tutela do estado, este desapareceria.

Com já apresentado neste estudo, a cidade de Barbalha passava desde o final da década de 1960 por uma forte crise econômica em decorrência de transformações na economia canavieira da região. Em entrevista ao Iphan, o ex-prefeito Fabriano Sampaio também viu como decisivo para crise o fato de Barbalha não ter sido atendida pela estrada de ferro que chegou ao Cariri na década de 1920, fazendo com que a cidade não possuísse uma forma mais dinâmica e rápida de escoar a sua produção, bem como de participar do comércio regional. O ex-gestor deixa clara a sua preocupação com relação a economia da cidade, bem como a junção entre cultura e turismo como forma de dar visibilidade ao município e amenizar a crise (Iphan, 2015).

Além do folclore, o artesanato local passou a ser exposto na Festa de Santo Antônio. Segundo Fabriano Livônio, após a Semana Santa eram formadas comissões para a organização da festividade, sendo a do Artesanato e a do Folclore estratégicas para o fomento ao turismo. Ainda segundo o ex-gestor, a prefeitura criou escolas de artesanato (couro, madeira, tecido) para que os artesões mais habilidosos transmitissem o seu conhecimento. O poder municipal fornecia todos os insumos necessários à produção e depois a comprava e estocava para ser vendida na Festa de Santo Antônio. Os lucros com a venda eram divididos entre a paróquia e a prefeitura.

Atualmente, o artesanato vendido na festa não está sob a responsabilidade do poder municipal. As barracas de artesanato compõem a quermesse e estão localizadas na Rua da Matriz. As peças são em sua maioria em tecido, abordam temas alusivos ao padroeiro, e misturam-se à venda de produtos industrializados importados de baixo custo.

O processo de introdução do folclore e do artesanato na festa, associada a mudanças no cortejo do carregamento do pau da bandeira, foi definido pelo historiador Océlio Souza como *folclorização*. Segundo ele, a folclorização seria “o processo iniciado em 1973, quando o poder público municipal e a paróquia resolveram juntar suas forças com o objetivo de transformar a Festa de Santo Antônio num evento religioso de cunho folclórico-artístico-cultural”. Em sua análise, delineia-se o movimento pelo qual vários elementos da festa foram ganhando um ar folclórico, principalmente o Cortejo do Pau da Bandeira. A decoração das ruas e barracas; a carroça que servia de apoio aos carregadores ganhou uma decoração e virou carroça da “Cachaça do Senhor Vigário”. Anterior à década de 1970, a abertura dos festejos a Santo Antônio em Barbalha ocorria no dia 03 de junho, apenas com a chegada do mastro à cidade, pois antes de ser uma trezena, a festa do padroeiro era uma novena. Os festejos poderiam ter início em qualquer dia da semana. Com o avanço da folclorização, a festa passou a ter início, necessariamente, em um

domingo, dia mais adequado para o deslocamento de visitantes da região à Barbalha. Bem como o dia de abertura da festa passou a ser oficialmente o Dia do Folclore no município.

A participação dos grupos da cultura popular na festa tem início ainda na madrugada. A maioria deles habitam a zona rural ou a periferia da cidade, daí a necessidade de se deslocarem nas primeiras horas da manhã. São normalmente moradores dos sítios. A prefeitura providencia o transporte e as refeições dos integrantes enquanto estes permanecem na sede municipal cumprindo a programação estabelecida.

Na década de 1970, os grupos realizavam apresentações durante todo o dia nas barracas já citadas, e à noite havia apresentações durante toda a trezena. Tinham como principais espaços de apresentação a Praça Brasília (Praça da Igreja do Rosário), na qual eram montados palcos, e a Praça Engenheiro Dória (Praça da Estação). Além disso, desfilavam em cortejo no centro histórico da cidade, da Praça do Rosário até a da Matriz.

Passemos, então, à descrição das Formas de Expressão que compõem o Desfile dos Grupos de Folguedos. Cabe neste momento esclarecer que as Zambumbas, como são conhecidas as bandas cabaçais em Barbalha, diferem-se das demais formas de expressão que participam do Desfile dos Grupos de Folguedos por desempenharem outras funções rituais durante a trezena de Santo Antônio. Dessa forma, tal forma de expressão será descrita em tópico especial, sendo entendida como um bem associado à Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio para além da sua participação no desfile dos folguedos. Neste artigo será abordado os Reisados, devido a sua importância para a comunidade e participação popular.

Reisados

Luís da Câmara Cascudo definiu o Reisado como a “denominação erudita para os grupos que cantam e dançam na véspera e dia de Reis (6 de janeiro)”; seria um auto popular pertencente ao ciclo natalino formado por “músicos, cantadores e dançadores que vão de porta em porta anunciar a chegada do Messias e homenagear os três Reis Magos”. Conforme Oswald Barroso (2014):

Aparecendo na Europa e no Oriente, desde a Idade Média, [...] o Reisado tomou feições as mais variadas, incorporando elementos das mais diferentes procedências e ganhando características locais, para refletir um universo multicultural em suas manifestações. No Brasil, ele se manifesta com diferentes nomes (Terno de Reis, Tiração de Reis, Folia de Reis, Reisado – de Congo, de Caretas ou de Couro, de Caboclos, de Bailes – Boi, Rancho de Reis, Guerreiros etc.), por todo o seu território. O Reisado é, a um só tempo, rito, autoépico, brincadeira de terreiro, cortejo de brincantes, ópera popular e teatro

tradicional. É rito porque encena o mito de origem do mundo cristão popular, com o nascimento do Divino. Autoépico porque narra a saga dos Reis Magos a Belém, em busca do Menino Deus. Brincadeira de Terreiro porque se dá em roda, com a participação ativa da comunidade. Cortejo de brincantes porque se constitui em caminhada festiva de atores brincantes. Ópera popular porque reúne o conjunto das linguagens artísticas (música, teatro, dança, artes visuais – nos figurinos e adereços), numa só apresentação. Teatro tradicional porque se trata de manifestação cênica construída secularmente pela coletividade.

A complexidade do Reisado e as habilidades necessárias à sua execução foram exaltadas pelo mestre Tico Neves em depoimento ao Iphan, segundo ele é preciso “[...] lutar, né, é cantar, é dançar, é jogar espada e fazer por onde ser bem ligeiro e fazer bonito que é, tem muita pessoa que já entende, se o caba der bobeira, os caba dão é vaia na gente também, né, tem que fazer o negócio sério”.

Os Reisados são um verdadeiro caleidoscópio dos elementos que constituem a cultura brasileira e ganham características particulares nas diversas regiões do país. Alguns autores o consideram como originário ou uma variante do Bumba-meu-boi ou até mesmo da Folia de Reis. Na existência dos entremeses, personagens móveis que podem assumir as formas de animais, como o Boi e a Burrinha, são identificados elementos dos cultos totêmicos de procedência banto. São apontadas também relações com os Autos dos Reis do Congo e com os Autos Natalinos da Península Ibérica. Conforme aponta Barroso (2014):

Na realidade, rigorosamente, não existem dois Reisados iguais, porque nas suas construções há algo de improvisado, a partir das circunstâncias, não só de quem o faz, mas até mesmo do público que o assiste. Daí, os Reisados constituírem um universo aparentemente caótico, comportando um sem número de possibilidades, tanto na estrutura de personagens, quanto na quantidade e na qualidade dos entremeses. Assim, cheguei à conceituação do Reisado como um cortejo de brincantes, que representa a caminhada dos Reis Magos a Belém, para adorar o menino Jesus, e que tem no episódio do Boi, seu entremês principal. Porém, como no universo descrito desta maneira, há uma variação enorme de possibilidades, precisamos ir mais adiante, ou seja, selecionar e destacar outros elementos. Um dos elementos a ser destacado seria a estrutura de sequência de suas apresentações. Porém, rigorosamente em comum, teríamos a chegada ao local da apresentação em cortejo, a “Abrição” da Porta, ou seja, o pedido de licença ao dono da casa para fazer, diante do oratório da sala da frente, a saudação ao Menino Deus; em seguida, a volta ao terreiro, rua ou praça, defronte à casa, para a sequência de peças, bailados e entremeios da brincadeira (obviamente incluindo o Boi); e, no final, a Despedida.

Em Barbalha, os grupos que festejam o Dia de Reis se definem como Reisados e existem de três tipos: de Congo, de Couro (ou Caretas) e de Bailes. De forma geral, as três modalidades caracterizam-se por ser “um cortejo de brincantes, representando a peregrinação dos Reis Magos a Belém, e se desenvolvem, em autos, como a rapsódia de cantos, danças e entremeios, incluindo, obrigatoriamente, o episódio do Boi”. É

importante esclarecer que os reisados se diferenciam a partir da estrutura de figuras e personagens que possuem. Ainda de acordo com Barroso (2014), no Cariri, os Reisados de Congo são mais numerosos, e apenas alguns municípios apresentam Reisados de Couro (Caretas), sendo Barbalha a única cidade que possui um Reisado de Bailes. O Reisado de Bailes seria uma variante do Reisado de Couro. O primeiro além de apresentar os personagens que constituem a “família dos Caretas”, também apresenta outros agregados ao núcleo familiar do fazendeiro, como as Damas e os Galantes. Assim, Oswald Barroso (2014) diferencia os Reisados:

No Reisado de Congos, a estrutura é de uma pequena tropa de nobres guerreiros chefiada por um Mestre, com dois Mateus e uma Catirina fazendo o contraponto cômico. No Reisado de Bailes, o Amo, ou Mestre, é um nobre ou fazendeiro, que constitui a base da brincadeira, reunindo, em um baile, suas filhas e pretendentes, que formam o conjunto de Damas e Galantes. Já o Reisado de Couro ou Caretas, baseia-se no universo de uma fazenda de Gado, dramatizando o conflito entre o Amo (Patrão ou Capitão) e os Caretas (seus moradores). Neste caso, o Velho e a Velha Careta fazem o par cômico.

Se a composição dos personagens afasta os diversos tipos de Reisados, para Oswald Barroso (2014), todos aliam-se no desejo de reverenciar o Deus Menino e criam suas narrativas em torno da viagem dos Reis Magos a Belém. O Reisado de Congo seria o cortejo de ida ao encontro do Menino Jesus, no qual os homens comuns por encantamento tornam-se reis. O Reisado de Couro seria o cortejo da volta, no qual os reis se disfarçariam de trabalhadores comuns, os Caretas, para enganar o Rei Herodes, passando despercebidos em meio ao povo. Em depoimento dado ao Iphan em 2005, quando questionado sobre a origem do Reisado, o Mestre Tico Neves informou que este existe há 2005 anos, desde o nascimento de Cristo.

Em sua pesquisa sobre os Reisados no Ceará, Oswald Barroso (2014) documentou em Barbalha a existência de “um Reisado de Caretas (em Barro Vermelho, com a denominação de Reisado de Couro, do Mestre José Pedro de Oliveira), quatro Reisados de Congos (Sítio Cabeceiras, Conjunto Nova Esperança, Sítio Lagoa e Bairro Alto da Alegria, tendo como Mestres Damião Barbosa e Francisco Belizário dos Santos, entre outros) e um de Bailes (no Sítio Pelo Sinal, o único que aparece em todo o Estado, tendo como antigo Mestre, Luís Vitorino)”. Já Simome Pereira da Silva identificou sete Reisados de Congo em Barbalha, sendo seis masculinos e um feminino, este último formado pelas alunas da Escola de Ensino Fundamental Josefa Alves de Sousa e cujo Mestre é Antônio José da Silva.

Segundo dados da Secretaria de Cultura e Turismo de Barbalha - SECTUR em 2015, participaram da Festa de Santo Antônio um Reisado de Baile, do Mestre José Pedro

do Barro Vermelho, um Reisado de Couro, também do Mestre José Pedro do Barro Vermelho, um Reisado de Congo do Bairro Alto do Rosário, do Mestre Antônio José da Silva, dois Reisados de Congo do Sítio Lagoa, sendo um do Mestre José Paulo Felipe e outro do Mestre Serginaldo Gomes, e um Reisado de Congo do bairro Cirolândia, do Mestre Luís Tomé da Silva.

Sobre os Reisados de Congo no Ceará, Oswald Barroso (2014) ratifica as percepções Théo Brandão de que “em Alagoas e nas regiões influenciadas por sua cultura, os Reisados e Bois se fusionaram com os autos dos Congos, para formar um tipo de Reisado, no caso Reisado de Congo”.

Em sua pesquisa sobre os Reisados de Congo em Barbalha, Simone Pereira da Silva recompõe através dos relatos dos brincantes os sentidos históricos construídos sobre o folguedo. Dos depoimentos e do levantamento de fontes realizado pela historiadora, emergem referências a uma espada que teria pertencido a Dom Pedro II e que hoje estaria sob os cuidados do Mestre Luís Tomé da Silva; às Coroações dos Reis de Congo promovidas pelas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário, santa protetora dos negros; e às guerras entre cristãos e mouros no Século VIII, na Península Ibérica, destacando-se a História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França. Este último elemento tornou-se fundamental para a composição do enredo dos Reisados de Congo em Barbalha, sendo apropriado do folheto de cordel A Batalha de Oliveiros contra Ferrabrás, que narra uma parte da epopeia de Carlos Magno, publicado por Leandro Gomes de Barros, em 1949, e bastante difundido no Cariri. O folheto de cordel trata da batalha de Mormionda ocorrida entre um príncipe turco de nome Ferrabrás e Oliveiros, um dos doze pares de França. A história tem desfecho na vitória de Oliveiros e na conversão do príncipe turco ao cristianismo. A historiadora também observou nas narrativas dos brincantes a associação entre os doze pares de França e os Três Reis Magos. Dessa forma, o Reisado de Congo em Barbalha se caracteriza pela existência da corte e seus guerreiros.

O Reisado de Congo é composto por personagens fixos (atores/dançarinos, banda cabaçal e/ou violeiro) e móveis (os entremeses), os últimos desenvolvem pequenos atos com narrativas independentes durante o folguedo. Os personagens fixos são o mestre, o rei, a rainha, o contramestre, dois embaixadores, dois Mateus e as figurinhas. São opcionais nos reisados de Barbalha os seguintes personagens fixos: um par de Segundos Embaixadores, dois Guias, dois Contraguias, dois Coices e dois Contracoices, as Damas e a Catarina ou Catirina. Como entremeses temos o Boi, a Burrinha, o Jaraguá, o Javali, o Sapo, o Urubu e o Guriabá, que, conforme Oswald Barroso (2014), são oriundos da

confluência de elementos das culturas africanas, portuguesa e indígena. Além deles há outros personagens como é o caso da Alma, do Cangaceiro; do Cão, a Doida, o Gentí (homem valente). Dentre os personagens, Simone Pereira da Silva destaca o Mateus:

O Mateus é um dos personagens mais emblemáticos do folguedo. Ele se assemelha a um palhaço com o rosto pintado de tinta preta, com um chapéu vermelho em forma de cone e com a roupa cheia de adereços cômicos. Tem amplo poder de improvisação e seu papel é livre de qualquer compromisso institucional. [...] Ele tem liberdade para debochar dos brincantes e da plateia sem que, para isso, seja mau visto: detém o poder de transitar entre todos os reinos sem ser repudiado por nenhum. No momento da batalha, é ele o encarregado de cuidar da rainha do grupo adversário (Iphan, 2015, p. 133).

Merece destaque o encontro entre dois Reisados de Congo, chamado de Quilombo. Nesse momento são postas à prova as habilidades dos mestres e brincantes através de uma batalha. Nas falas dos mestres ao Iphan, foi reiterada a necessidade dos treinos e ensaios como forma de desenvolver as habilidades dos brincantes para a evolução das embaixadas, que são as disputas e acrobacias com as espadas. Trazemos, então, o relato do Mestre Tico Neves sobre uma batalha na cidade de Jardim na qual saiu “fogo das espadas” e com a qual ele recebeu reconhecimento da autoridade policial da cidade:

Porque... Num sei se essa encaixa com, com a sua pergunta, que nois tava no Jardim com o pessoal de lá de frente da delegacia, aí o Zé de Antão que era uma banda cabaçal que tinha aqui muito bom aqui em Barbalha e ele sabia que o nosso reisado era muito ajeitado, era bem treinado e eu pedi lá a ele: “Zé de Antão, você puxa um baião aí bem forte pra mim mostrar aqui no Jardim o que é o reisado, que aqui eles num sabe o que é, eu quero mostrar.” Aí eu peguei o meu embaixador que era o Zezim, né, esse Deus já levou também, inclusive, eu fiz inté uma peça com ele. Os dois embaixador, o primeiro já morreram, aí deu um jogo de espada lá que saía fogo da espada, mas Deus tava no meio, eu botei pra pinicar aí, ele botava neu também, quando o mestre apitou, o delegado parou e disse “agora venha cá o senhor, esse aí venha aqui, por favor!” Subi. “Me diga uma coisa, se eu chegar cortar esse rapaz, ferir ele, como é que vai ser?”. eu digo “bom, ele pode me cortar, mas deu bater nele, eu me responsabilizo que eu num bato.” Ele disse “que conversa!” eu digo “num bato, não” Ele disse “por quê?” “porque eu só vou no limite certo nem furo e nem eu bato nele, eu treino é pra isso” “e se ele lhe bater?” Eu digo “eu perdo, que o errado foi eu que deixei ele me bater” “verdade?” Eu digo “sim, senhor.” “desça” aí, eu desci “diga a ele que venha aqui, o oto.” Chegou Fernando, Fernando deu a mesma resposta.

Aí, o que foi que ele fez? “vocês vão pra onde?” Aí nois fumo pra casa de, de como é aquele home ali do Jardim? Antoin Roriz, ele pois olha, aqui dentro de Jardim nenhuma mosca incentiva vocês, quem tá vendo sou eu. Vocês merece apoio, ali pra mim foi uma vitória, foi um orgulho e entregou dois soldado e disse “pega os dois carro - que tinha duas D20 - vá deixar ele lá” eu digo “doutor, desculpa minha proposta pro senhor, nós quer sair batalhando é no mei da cidade inté chegar lá.” “então, pronto, a vontade de vocês” aí entregou a polícia e nois fomo, chegamo lá fomo bem recebido já com a polícia no prédio, tudo bem guarnecido, fazendo aquilo com orgulho, né, foi novidade, foi coisa boa. Nois vamo pra exposição, se elas chamava nois era meus menino da Barbalha, meu reisado de Barbalha, a maior alegria de nois, mas o que é

bom dura pouco, já morreu passou foi outro, mas também era nosso, entendeu? Aí teve muitas partes aí que eu passei delas que eu fiquei satisfeito, com orgulho (Iphan, 2015, p. 133-134).

Interessante perceber na fala do Mestre que, em sendo atingido pela espada durante a batalha, a responsabilidade é do brincante que foi ferido por sua falta de perícia, em virtude de não ter conseguido desviar do golpe do adversário. Ao brincante de reisado, além das habilidades físicas dos guerreiros, é necessário aprender todas as peças e canções, pois não há um roteiro pré-definido. Cabe ao Mestre construir a apresentação a partir do contexto no qual ela se dará, e que muitas vezes só é conhecido no momento da encenação. Sobre a importância dos treinos e do Mestre, segue um trecho do depoimento de Antônio Wilson Abel (Antônio de Corina), embaixador no Reisado do Sítio Lagoa.

É, pequenininho. Bem uns cinco ano que eu comecei a brincar reisado. Faz tempo muito. Aí, o reisado daqui tá... é o daqui é de primeira, é bom pra home nenhum botá defeito. Se nós tamo sem treinar de jeito nenhum, mas disser vamo hoje, vamo hoje brincar? O reisado tá todo em forma. Brinca do mesmo jeito que nem se treina todo dia, num sabe? [...] É, quem faz a preparação do frocore é nós mermo, né? Nós vamo tem um ensaio aqui hoje, convida o mestre Nego convida nós pra vim brincar aqui na casa dele, aí, pra fazer um preparo físico, né? Que às vez a pessoa tá sem ter um preparo, aí, nós vamo assim, nós vamo, tem uma viagem, assim, que nós fumo um tempo pra Fortaleza, nós fumo pra Fortaleza, aí, tem que dá uns treino pelo assim uns dois dias antes pra poder ir, né? [...] Tico Neve, mestre Tico Neve. Toda música é ensaiada por ele, que a música que ele ensaiá é que nós acompanha o ritmo dele. É um ritmo que ele tira a música e nós já tem que aprender aquela música que ele tá cantando pra nós acompanhar com ele quando ele vai cantar aquela música. Nós num souber cantá aquela música ele é quem tem que ensiná a música a nós pra nós cantá com ele aquela cantiga, né? Toda vida é desse jeito. Se ele tirar uma peça, uma cantiga veia que nós já sabe toda vida que nós já somo acostumado, num carece mais isso, não. Mas quando ele rima uma peça, uma peça nesse tanto, aí, com esse home ou com qualquer pessoa que ainda num sabe, nós tem que aprender a peça que tá rimando, que ele é o rimador, né? Que ele é quem é o cabeça pra acompanhar aquela peça pra poder cantá lá no Pau da Bandeira ou numa casa, assim, onde nós tiver tem que aprender aquela peça primeiro pra mode de poder cantá, pra poder responder, né? É isso (Iphan, 2015, p. 134-135).

Como apontou Oswald Barroso (2014), Barbalha é o único município do Ceará que possui três tipos de Reisado, além de ser o único que possui um Reisado de Bailes. Conforme o autor:

Em Barbalha, onde predominam os Reisados de Congo, podem ser encontrados os Caretas, em Reisados das duas modalidades, anteriormente citadas. Na localidade de Barro Vermelho, o Reisado de Caretas tem em sua estrutura, além do Velho e da Velha, quatro Caretas filhos. Vale notar que neste Reisado, à maneira dos Reisados de Congo, aparecem ainda o Mestre e o Contramestre. O mesmo acontece no Reisado de Bailes, do Sítio Pelo Sinal, no qual, ao lado de um par cômico de Caretas, colunas de quatro Galantes e quatro Damas, comandadas por um Mestre animam uma série de bailados, cuidadosamente coreografados, ao estilo das contradanças medievais. As Damas são filhas do Mestre, que aparece como o dono do salão e promotor do

baile. Durante o brinquedo, revezando-se com os bailados, pequenos dramas são encenados, geralmente criticando costumes.

O Reisado de Couro ou Caretas reproduz em sua forma a organização social das fazendas de gado do Nordeste do Brasil. O personagem principal é o fazendeiro, que pode ser chamado de Amo, Capitão ou Patrão. Os Caretas são os funcionários e moradores da fazenda, principalmente vaqueiros, e constituem o núcleo principal do enredo, que tem na morte e ressurreição do Boi, um dos entremeses obrigatórios, seu momento apoteótico. A designação de Caretas tem origem nas máscaras usadas pelos personagens, tradicionalmente feitas de couro. Os principais personagens são o Velho e a Velha e seus filhos: o Careta Vaqueiro, o Careta Magarefe, o Careta Poeta e o Careta Caçula. Além do Capitão, que é o dono da casa, e o Dono do Boi. Em oposição ao núcleo familiar aparecem a Polícia e os Índios. Podem também compor o reisado personagens do Reisado de Congo, como o Mestre e o Contramestre, Reis e Rainhas.

Portanto, procuramos traçar de forma sucinta alguns conceitos sobre a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio e discorreremos sobre algumas manifestações culturais que acontecem anualmente em Barbalha - Ceará.

A Festa de Barbalha com o passar do tempo foi incorporando aspectos sociais, desfile de folguedos, trazendo para a festa um tom mais cultural, através das manifestações culturais que acontecem no dia do cortejo pela manhã, ao lado da Igreja Matriz, percorrendo as ruas principais da cidade. Podemos ver que a cultura é uma manifestação viva e dinâmica, passando continuamente por transformações, dentro de um processo de Ressignificação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Edvar Costa. Dimensões socioeducativas da Festa do Pau da Bandeira: decifrando pluralidades e multiangulações. *In*: SOARES, I. M.; SILVA, Í. B. M. **Sentidos de devoção: Festa e Carregamento em Barbalha**. Fortaleza: Iphan, 2013. p. 209.

BARROSO, Oswald. Reisado, um patrimônio da humanidade. *In*: SILVA, Í. B. M.; SOARES, I. M. (Org.). **Cultura, política e identidades: Ceará em perspectiva**. Fortaleza: Iphan, 2014. p. 181-182.

IPHAN. **Dossiê de Registro: Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha**. Ceará: IPHAN, 2015.

SANTOS, Ruth Rodrigues. **“A festa que é a mesma, sendo continuamente outra”**: a ressignificação da Festa (do pau da bandeira) de Santo Antônio de Barbalha Ceará

através das mudanças e continuidades. 2015. 113 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SILVA, Josier Ferreira. Santo Antônio de Barbalha: memórias de festa e fé! *In*: SOARES, I. de M.; SILVA, I. B. M. **Sentidos e devoção: festa e carregamento em Barbalha.** Fortaleza: Iphan, 2013. p. 214-237.

SOUZA, Océlio Teixeira. A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE) e o Processo de Romanização do Catolicismo Brasileiro (1928-1972). **Embrenal**, v. 2, n. 4, p. 48-69, 2011.